

n<sup>o</sup>

0



#AMRS

Associação de Municípios do Rio Grande do Sul

Cadernos *de* Alferrara

<b>Título</b>	Cadernos de Alferrara
<b>Autores</b>	Fernando Pessoa, J. Delgado Rodrigues, Sofia Aleixo, Telmo Pina e Victor Mestre
<b>Edição</b>	Associação de Municípios da Região de Setúbal
<b>Paginação e grafismo</b>	Fábio Vicente
<b>Fotografias</b>	Fábio Vicente, Fernando Pessoa, J. Delgado Rodrigues, Telmo Pina e Victor Mestre
<b>Impressão</b>	Regiset
<b>Depósito legal</b>	978-989-20-7651-5
<b>Tiragem</b>	300 exemplares

<i>Caderno 0.1</i> <i>O tempo do templo e o enigma do lugar de São Paulo</i> Victor Mestre   VMSA Arquitectos	8
<i>Caderno 0.2</i> <i>Intervenção paisagística</i> Fernando Pessoa	16
<i>Caderno 0.3</i> <i>Convento de São Paulo, na Arrábida.</i> <i>Notas sobre a preservação dos materiais</i> J. Delgado Rodrigues	40
<i>Caderno 0.4</i> <i>Quinta de S. Paulo – Sistema Hidráulico</i> Telmo Albuquerque Pina	56
<i>Caderno 0.5</i> <i>Conventos de São Paulo e Capuchos</i> <i>Relatório Diagnóstico - 2011</i> Victor Mestre e Sofia Aleixo	79
<i>Caderno 0.6</i> <i>Síntese da metodologia de intervenção inscrita no</i> <i>plano director de conservação, restauro e reversão da</i> <i>unidade patrimonial da Quinta de São Paulo - 2017</i> Victor Mestre   VMSA Arquitectos	120



*Caderno* **0.1**

*O tempo do templo e o enigma do lugar de São Paulo*

*Victor Mestre | VMSA Arquitectos*

*“Mas o caminho do perfeito passa pelo imperfeito; e, no imperfeito, a única perfeição que se pode fazer florir é a de que o expediente de que se lançou mão agrade ao maior número possível de homens e os satisfaça, mesmo que julguemos nós, com ou sem razão, que já poderíamos estabelecer o melhor quando eles se contentam ainda com o rudimentar e tosco” (Silva, 1996: 33).*



Pormenor da Sala do Capítulo, Convento de S. Paulo

*Silva, Agostinho da (1996) Educação de Portugal. Porto: Ulmeiro.*

O enigma do lugar de São Paulo permanece enquanto objecto de reflexão em face do sentido abstracto das memórias que retém, para além dos acontecimentos que se desenvolveram em seu redor numa dimensão temporal. O sentido do lugar enquanto tempo e memória, referencia-se a si próprio, contrastando com outro(s) lugares de idêntico sentido e significado. Um campo específico por si gerado e a si referenciado reflecte uma verdade específica, a sua, que retém no seu âmbito o desenrolar de vidas que aí se acolheram em elevação e em benemerência. Assim se amplia o sentido e se confirma o mistério do lugar.

O sentido do lugar ter-se-á legitimado por via do conjunto de forças que são convocadas e geradas no e pelo templo, o qual acolhe e protege a dimensão transcendental que o consagra. Nesse âmbito, um templo existe para além da materialidade e prolonga-se nas memórias que o tempo acumulou e acomodou em vivências transmutadas em memórias. Memórias que habitam as paredes e libertam na atmosfera sombras e ecos que ressoam e são simultaneamente a espessura dos espaços que se fazem densos e/ou fluidos.

O que emana do templo é o tempo de memória estética e moral que configura e consagra o lugar enquanto identidade imaterial e enquanto objecto físico que a contém e lhe amplia o significado. Intervir no Convento de São Paulo é referenciar o tempo actual perante a herança recebida e assegurar a continuidade do tempo fundacional, que permaneceu para além da materialidade. Este é tão somente o elo frágil na dimensão estética, global numa aproximação ética perante a força do lugar sagrado que, apesar do abandono e mesmo perante a ruína, se manteve imutável na sua essência.

A conservação, restauro e reversão das ruínas é resultado de uma fresta temporal que se interpôs enquanto filosofia de intervenção, tendo por critério o restabelecimento de ligações interrompidas por rupturas abruptas, fragmentos depositados na intensidade das ausências, no abandono afectivo do sentido e significado de lugar sagrado na sua dimensão espiritual, cultural e material enquanto um todo individual.



Na intervenção da reversão da ruína, integrada no plano global iniciado em 2010 e a desenvolver a 25 anos, prevaleceu a vontade de não acrescentar, de não desocultar o sentido do enigma do lugar para que perdure a sua dimensão temporal e imaterial. Mais do que uma intervenção de reposição de materialidades, procurou-se dar continuidade a um percurso longo de usufruto interrompido abruptamente com a extinção das Ordens. Um novo ciclo se instalou, descaracterizando fisicamente o edificado, desqualificando-o da sua essência de templo e terminando em abandono e ruína.

A intervenção resulta de um projecto de conservação, restauro e reversão física numa estreita dimensão cultural tanto nas técnicas utilizadas como, e principalmente, na interpretação e consolidação da unidade intemporal fundadora, ou seja, a de templo.

As condições infra-estruturais que se instalaram, apesar de mínimas, são necessariamente intrusivas sobretudo por serem inéditas e alterarem a atmosfera do conjunto arquitectónico. Entendeu-se que devem interferir o menos possível e numa perspectiva complementar às ambiências que caracterizam as hierarquias espaciais. A nova iluminação em alguns lugares de passagem liberta tão somente uma névoa de luz, acentuando as formas e texturas como os tons dos pavimentos e das paredes. A escala de casa conventual integrada na natureza harmoniza-se nas formas simples e espartanas de uma arquitectura chã, acolhedora e enigmática na sua interioridade protegida pela densidade tectónica.

O sentido da (não) intervenção realiza-se na reposição das espacialidades nas hierarquias culturais inerentes à matriz canónica que estruturou o conjunto arquitectónico. A fluidez do seu uso complementar-se-á em outras campanhas de intervenção tanto interna como externamente.

O sentido deste lugar é amplo porquanto a sua relação com o território envolvente traduz uma identidade indissociável. Caminhos, veredas, levadas, patamares e bosques de vegetação mediterrânica emolduram o edificado numa at-



CONVENTO DE SÃO PAULO conservação, restauro e reversão física da ruína.

A terceira fase de intervenções que se pretende executar no Convento de São Paulo da continuidade às anteriores que tiveram por base o plano de acção do salvaguarda, e reutilização a desenvolver ao longo de 25 anos. Esta plano procurou identificar em primeiro lugar as causas da degradação através de um estudo de observação e diagnóstico, hierarquizando e mapeando-as de modo a estabelecerem as necessidades prioritárias. Seguiram-se os projectos de estabilização e correcção das anomalias consideradas prioritárias.

A actual fase corresponde a acção a desenvolver na Ala Sul e Nave inferior da Igreja. Tal como as anteriores, não se espotam nesta intervenção, constituiram-se enquanto acção prioritária da contenção e reversão física da ruína no caso da Ala Sul, restauro parcial no interior da Nave da Igreja e claustro. Em comum têm uma primeira acção de infra-estruturação mínima, contendo-se os respectivos afetos intrínsecos, numa conjugação de necessidade funcional e processual de instalação técnica.

De um modo geral e considerando o resultado do trabalho efectuado em fases anteriores, esta intervenção tem por principal objectivo instalar as condições mínimas para acolhimento de acção socioculturais nos espaços respectivos, possibilitando de se interrelacionar e complementar, nomeadamente, Nave da Igreja, Claustro e Ala Sul. Os projectos desenvolvidos para além de uns objectivos a alcançar, depende(m), do que se considerou como sendo determinante e elemento da leitura dos espaços a criar no conjunto edificado. Esta não depende de um exclusivo; antes,

se procura atender às memórias do lugar, se possível rasgando-as da sombra da degradação por vezes através de um diálogo compreensivo entre o que como aceitável enquanto degradação, ou memória a manter, e um novo tempo.

A diversidade do estado de conservação a intervir e as acções a desenvolver em cada um delas constitui um desafio complexo, porquanto se pretende uma intervenção coerente em termos globais e em simultâneo a valorização específica de cada um.

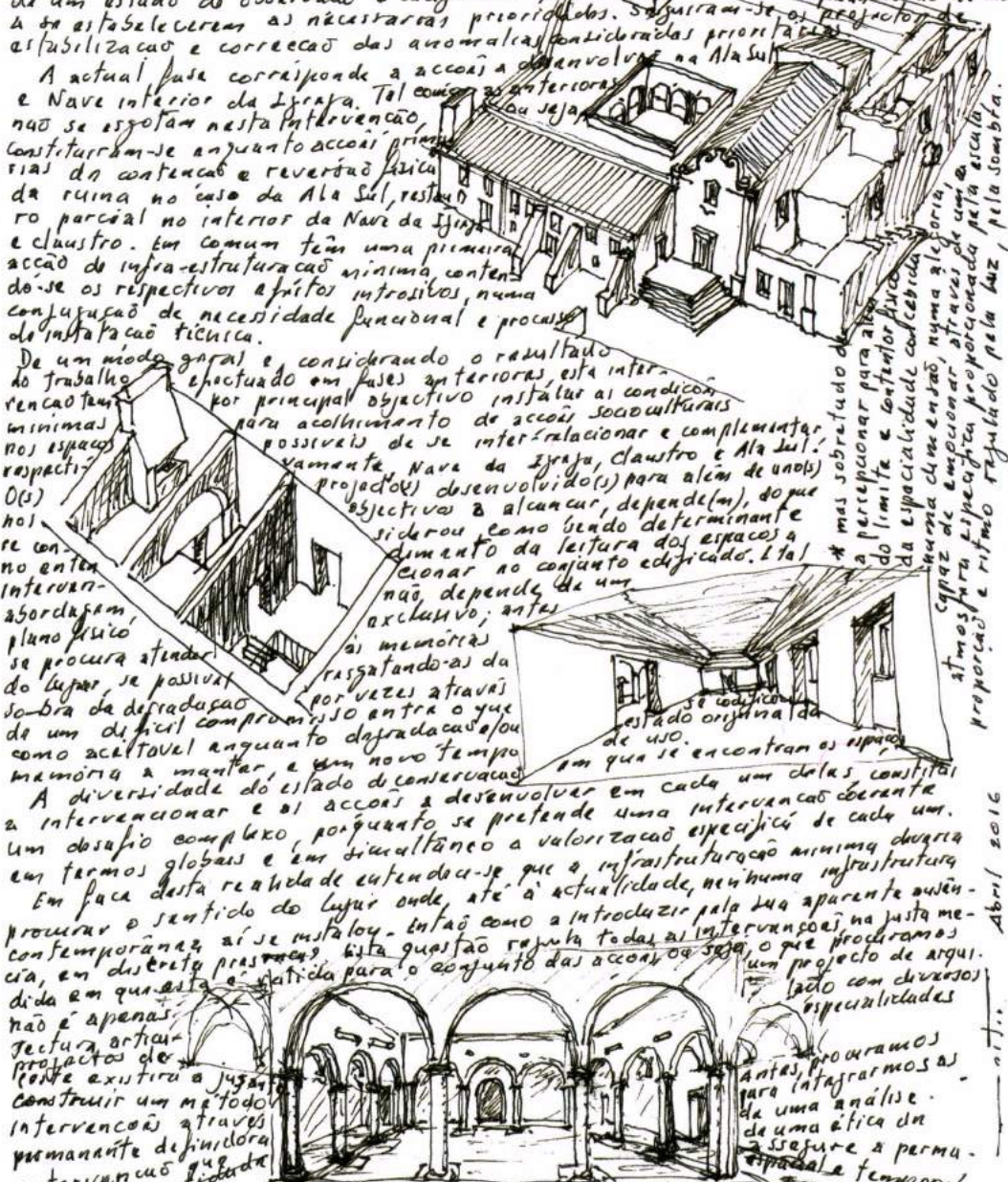
Em face desta realidade entende-se que a infra-estruturação mínima divergia procurar o sentido do lugar onde, até à actualidade, nenhuma infraestrutura contemporânea, aí se instalou. Então como a introduzir pela sua aparente ausência, em discreta presença, esta questão rejeita todas as intervenções na justa medida em que esta a prática para o conjunto das acções, ou seja, o que procuramos não é apenas um projecto de arquitectura com diversas especialidades.

Antes, procuramos construir um método para intervir através de uma análise permanente de dimensão espacial e temporal para além da sua justa acção técnica e sentir o ritmo de uma intervenção que estacionou com o processo de abandono. É, não se trata apenas da dimensão arquitectónica e da sua expressão,

mas sobretudo a percepção para além do limite e interior física da espacialidade calcada numa chancela, numa alicorta capaz de empunhar, através de um, a proporção e ritmo regulado pela luz, pela sombra.

Abri 2016

"escrita desenhada" por Victor Mestre



mosfera natural. Complementarmente à intervenção na casa conventual pretende-se preservar a reconquista da natureza sobre o espaço artificial, trabalhando o território de contacto como lugar de transição e de fruição num justo equilíbrio entre tempos e usos. Tempos diferentes, distantes e próximos construíram o enigma do lugar que agora se devolve ao usufruto numa explícita ética de intervenção contextualizada no espírito universalista do tempo actual.

Como observou Agostinho da Silva, o “perfeito passa pelo imperfeito”. Seguindo o seu raciocínio, apesar de um potencial contentamento compete-nos elevar a exigência e a inovação que ficará associada a este lugar enquanto um tempo de um tempo que corresponde a uma nova fase transitória de enobrecimento e de devolução à comunidade.